

Pode decorrer da exposição que lhes acabo de fazer o pensamento de que há evidente *constância* no desenvolvimento da vida partidista nos países democráticos e de que as vicissitudes fazem parte do tumulto da vida, são normais e, assim sendo, devem ser aceitas e toleradas. Não, meus amigos. Longe de mim o pensamento fatalista e muito menos a impassibilidade desarrazoada. Não me ocorre conduzir-me com a frieza profissional do radiotelegrafista ilheu que, de bordo de um barco a afundar, comunicou para a sua base: "Estamos naufragando. Tudo O.K."

Diante das hesitações, das dificuldades, das aventuras políticas e das vicissitudes dos partidos nacionais, devemos estudar o problema, apontar caminhos de desenvolvimento, e não apenas anotar as etapas de suas crises, porque, na realidade, os partidos são o centro de gravidade da vida política e o seu estudo é a fonte de compreensão da vida nacional e do progresso cívico da coletividade.

A continuação do govêrno democrático e o seu aperfeiçoamento dependem dos partidos. Se, como acen-tua atilado observador, estas agremiações estiverem divergindo sinceramente sôbre os fins de suas atividades, se forem inteiramente conscientes de suas responsabilidades como partidos ou como govêrnos, se tiverem aju-da técnica capaz de temperar as aspirações políticas com as possibilidades reais, se conduzirem as suas campanhas com discreção, tendo em mira mais o bem-estar da coletividade do que a vitória eleitoral, se tais forem as atitudes dos partidos, então poderemos ter confiança no coração dos homens e fé na conduta das democracias.

## Práticas eleitorais no interior de Minas

Após as eleições de 2 de dezembro de 1945, promovi rápido inquérito entre centenas de diretórios municipais do interior, visando a obter informações sôbre as práticas eleitorais no interior.

Os resultados foram muito interessantes e são em parte resumidos nos itens seguintes.

*Espírito de cooperação* — Os resultados colhidos após 30 dias da expedição do questionário são satisfatórios, pois, de 170 diretórios interpelados, 39 responderam, isto é, 23% do total.

As respostas incluídas no presente relatório parcial provêm de tôdas as zonas do Estado, o que permite generalizar algumas observações de interêsse para os partidos ou para os trabalhos parlamentares constituintes ou ordinários, conforme a matéria a que se refiram.

### DIRETÓRIOS QUE RESPONDERAM

*Zona do Centro* — Alvinópolis, Congonhas do Campo, Contagem, Curvelo, Dôres de Campos, Mariana, Mercês, Rio Espera e Sabará.

*Zona do Sul* — Alfenas, Alterosa, Areado, Camanducáia, Campestre, Jacutinga, Lavras, Monte Sião, Pouso Alegre.

*Zona da Mata* — Barra Longa, Bicas, Divino, Eugenópolis, Guarani, Pomba.

*Zona do Oeste* — Guia Lopes, Martinho Campos, Morada, Nepomuceno, Pequí, Pium-i.

*Zona do Norte* — Capelinha, Januária, S. Francisco, S. José do Jacuri (Peçanha).

*Zona do Triângulo* — Camplo Florido e Prata.

*Zona de Leste* — D. Joaquim.

*Zona do Norte* — Arassuaí, Carbonita (Itamarandiba).

#### EXAME DA 1ª PERGUNTA

COMO FOI CONSTITUIDA A CAIXA DE CADA PARTIDO LOCAL? QUANTAS PESSOAS CONCORRERAM? COM QUE QUANTIAS APROXIMADAMENTE?

As despesas partidistas foram pagas por poucas pessoas em cada Município. Em maior número de casos, houve rateio entre os membros do Diretório.

Só houve duas tentativas de organizar caixa de caráter permanente, por meio de mensalidades, mas ambas fracassaram. Em Pouso Alegre, 15 pessoas deram contribuição inicial entre Cr\$ 200,00 e Cr\$ 1.000,00 cada uma e ficaram nisso. As despesas que excederam a quantia apurada foram pagas por 2 pessoas somente, sendo uma delas o candidato local. Em Mercês, 23 pessoas comprometeram-se a dar Cr\$ 100,00 de entrada e Cr\$ 20,00 mensais, mas não cumpriram a promessa, por motivos que o questionário não explica.

A venda de Bonus, ou Cédulas Democráticas, fracassou inteiramente no interior.

Em Sabará, nenhum partido fez caixa.

Em Congonhas, Campestre, Curvelo e Guia Lopes as despesas dos partidos da oposição foram pagas por uma caixa comum.

Outras respostas declaram que a fundação de diretórios da oposição se fez às vésperas do pleito, o que não permitiu a organização de caixa e de outros serviços internos.

Ainda tem muita força no interior o costume de deixar as despesas totais do partido a cargo do presidente do diretório local. O questionário de S. Francisco diz textualmente: "Aqui, sempre quem faz as despesas dos partidos são os presidentes". O de Capelinha: "As despesas ficaram a cargo dos respectivo presidentes".

Para facilitar a alteração desse costume antigo de sobrecarregar o presidente, os membros do diretório, os candidatos, ou alguns partidários mais generosos e mais ricos, com as despesas gerais do partido, sugeriu-se a formação de uma caixa permanente, constituída por meio de contribuições mensais de quaisquer importâncias.

Não há notícias da reação provocada pela sugestão, a não ser no caso de Pouso Alegre, cujo questionário declara ser difícil obter essa contribuição, quando o eleitor ainda julga que faz o favor de votar e está acostumado a ser vestido e alimentado pelo chefe local.

Os questionários declaram sem discrepância que as despesas do partido oficial foram custeadas pelas Prefeituras, quando não pelo Estado; mas não obtiveram provas para uma afirmação peremptória.

Em consequência destas conclusões, que levei ao conhecimento da secretaria geral do partido oposicionista, tentou-se ali a instituição do sistema de contribuições mensais. Iniciou-se em Belo Horizonte uma campanha discreta, mas eficiente, para angariar contribuintes, que chegaram a 1.300. De abril a setembro de 1946, segundo dados fornecidos pela tesouraria local, a arrecadação montou a Cr\$ 98.688,10.

## EXAME DA 2ª PERGUNTA

## A QUANTO MONTARAM AS DESPESAS?

Pelas respostas apresentadas verifica-se em primeiro lugar que há falta de escrituração das receitas e despesas partidistas. São poucos os casos de respostas precisas quanto a quantias e sua distribuição.

*Custo médio do voto para o candidato B.* — Baseado nas afirmações dêste item e nos resultados divulgados pela imprensa e, portanto, não oficiais, pode-se calcular o custo médio de cada voto dado ao candidato B, da forma abaixo:

Alfenas — Cr\$ 33,00; Areado — Cr\$ 9,50; Capelinha — Cr\$ 30,00; Campestre — Cr\$ 11,50; Curvelo — Cr\$ 40,00; Congonhas do Campo — Cr\$ 34,00; Dores de Campos — Cr\$ 4,00; Dom Joaquim — Cr\$ 41,00; Eugenópolis — Cr\$ 23,00; Guarani — Cr\$ 10,50; Guia Lopes — Cr\$ 28,00; Lavras — Cr\$ 4,30; Mariana — Cr\$ 8,80; Martinho Campos — Cr\$ 12,00; Pium-i — Cr\$ 25,00; Pomba — Cr\$ 4,20; Pouso Alegre — Cr\$ 11,50; Rio Espera — Cr\$ 6,00.

Esta variedade de médias deve ser atribuída a peculiaridades locais, não mencionadas nas respostas, a não ser em determinados municípios.

*A resposta de Pomba* — Merece destaque a resposta de Pomba, que especifica tôdas as despesas elucidativamente, da forma seguinte:

<i>Partido oposicionista:</i>	
Alistamento .....	Cr\$ 1.200,00
Boletins .....	Cr\$ 3.887,60
Quartel (café e comida) .....	Cr\$ 1.100,00
Transporte de caminhão .....	Cr\$ 4.000,00
Avulsas .....	Cr\$ 2.522,40
Soma .....	Cr\$ 12.700,00

*Partido situacionista:*

Alistamento .....	Gratuito pela Prefeitura
Boletins .....	Cr\$ 1.000,00
Quartel .....	Cr\$ 5.000,00
Transporte .....	Cr\$ 10.000,00
Compra de votos .....	Cr\$ 20.000,00
Festa da vitória .....	Cr\$ 19.000,00
Soma .....	Cr\$ 55.000,00

EXAME DA 3ª PERGUNTA  
QUAIS AS MAIORES DESPESAS?

Por ordem decrescente, as maiores despesas do partido da oposição foram:

Transporte .....	17
Alimentação .....	16
Qualificação .....	11
Vestuário .....	4

Aquí já aparece uma característica do serviço eleitoral brasileiro. O transporte e a alimentação dos eleitores no dia da eleição, como antes nos dias de qualificação, correm por conta dos partidos.

Na qualificação, os eleitores vêm aos poucos. Nos dias de eleição, vêm todos das roças de uma vez e torna-se necessário preparar acomodações para êles.

O transporte constituiu despesa de vulto para os partidos porque o eleitorado rural está habituado a ser transportado de graça para os pontos onde vai votar e onde é acolhido nos "quarteis". Recebe dos partidos transporte e alimentação. Antigamente, vinha das roças na cavalaria dos fazendeiros. Hoje, exige caminhão e automóveis. É o chamado "eleitorado de caminhão".

Em alguns municípios, a verba de transportes ascendeu a proporções bastante elevadas: Lavras — 70%; Curvelo — 65 a 70%; Congonhas — 60%; Divinópolis — 60%; Jacutinga — 53%; Camanducaia — 45%; Pomba — 45%; Pium-i — 40%.

Influiram para a elevação a escassês da gasolina, o seu "contrôle" pelos prefeitos e o fato de, em alguns municípios (Pomba, Bicas), os partidos situacionistas haveres fretado com antecedência todos os automóveis e caminhões de aluguel.

Mas, não basta transportar o eleitorado das roças para a cidade, ou distrito, é necessário abrigá-lo na séde do partido, não só porque não há hotéis e pensões em número suficiente para a onda de turistas improvisados que invade a sede do município, como também porque, dada a ingenuidade da massa, constituem presa fácil dos cabos eleitorais adversários, que lhes trocam as cédulas e os atraem para as suas agremiações.

Daí a origem dos tradicionais "quarteis", que fino político municipal do Oeste de Minas nos descreve como "consistindo em um prédio amplo, no qual os eleitores podem abrigar-se durante a noite que antecede as eleições, encontrando aí alimentação e diversões — bailes e jogos — até à hora da votação, no dia seguinte. Além de gastos com o aluguel do prédio, música ou jazz, talheres, bafalhos, etc., é fato comum, no fim, o desaparecimento de quase tudo que possa ser carregado; xícaras, pratos, garfos, colheres, etc.". As pessoas idosas ou doentes e as mulheres ficam em pensões e hotéis.

A instituição dos "quarteis" é fundamental e decisiva para a votação de cada partido no interior, merecendo, por isso, a mais acurada atenção dos organizadores da vida partidista.

Onde, por uma questão de confiança no adversário, os eleitores rurais não foram conservados em quarteis, como em Pouso Alegre, houve numerosas trocas de cédulas pelas ruas. Disso resultou a votação aparentemente inexplicável daquele município, onde o candidato B perdeu, mas os senadores da oposição ganharam: é que os cabos situacionistas, por falta de tempo e de cédulas de senador, não trocaram tôdas as chapas de cada eleitor rural cabalado pelas ruas.

O seu funcionamento, em certos casos, foi eficiente, constituindo modelo de organização. O melhor exemplo de nosso conhecimento provém de Bicas (Zona da Mata), onde os partidos situacionistas ganharam. Ali, os eleitores da roça foram transportados a expensas dêsses dois partidos pelo fato de se acharem subordinados a patrões que, por sua vez, estavam presos política e financeiramente a poderosos oligarcas locais, chefes da situação e senhores da prefeitura. Os eleitores, juntamente com os patrões e cabos, foram encaminhados a um sítio próximo à cidade e alojados num armazem de café, de propriedade de um chefe situacionista e do prefeito local. Daí saíam aos magotes, severamente vigiados e acompanhados, indo até às secções eleitorais para votar. Havendo, em certo momento, alguma dispersão, o chefe situacionista, o prefeito e o delegado de polícia mandaram arrebanhar os eleitores soltos pelas ruas, como se fossem vacas bravas, reunindo-os em suas respectivas residências, onde eram, então, devidamente chapeados e encaminhados à votação.

Em Pomba (Zona da Mata), onde a luta partidista é intensa, os cabos situacionistas percorreram várias fazendas na véspera das eleições, fazendo intrigas entre os patrões e os empregados, arrecadando títulos e distribuindo promessas, inclusive a de um presente, a ser procurado no quartel do partido situacionista no dia 2 de dezembro.

Muitos lá foram e, ali penetrando, eram habilmente revis-  
tados por cabos eleitorais adrede preparados, que des-  
truíam as cédulas encontradas em seus bolsos e as subs-  
tituíam por outras, do candidato D. Depois dessa opera-  
ção, eram remetidos às secções eleitorais, em grupos de  
quatro e seis, com um vigia, para evitar a "destroca". Por  
essa forma, nos quarteis do partido situacionista devem  
ter sido revistadas algumas centenas de eleitores rurais,  
gastando o partido, na compra de votos, provavelmente,  
40% da despesa total feita na sede.

#### EXAME DA 4ª PERGUNTA

OS PARTIDOS GASTARAM MAIS COM ALISTAMENTO  
DO QUE COM O ATO DA ELEIÇÃO?

As respostas podem ser assim resumidas:

Gastaram mais com o alistamento . . . . .	9
Gastaram menos . . . . .	24
Não responderam satisfatoriamente . . . . .	9

A primeira conclusão que as resposta oferecem é a de  
que o partido oficial fez maior alistamento do que as opo-  
sições. Baseado nesse fato, já o seu chefe estadual anun-  
ciava antes das eleições que ganharia por 170.000 votos  
e perderia em apenas 40 municípios, cálculo que não es-  
tá longe da realidade.

As referências ao partido situacionista neste item  
indicam que deve ter gasto mais com o alistamento, que  
pôde fazer com largueza, porque as despesas corriam por  
conta dos cofres municipais.

O questionário de Pomba define, precisamente a si-  
tuaçào, quando diz: É certo que todos os partidos deve-  
riam ter gasto mais com o alistamento, porque êste neces-  
sita de agentes viajando pelas roças, etc., mas aqui os

partidos não tiveram êste trabalho e estas despesas por-  
que o partido situacionista fez a maior parte com os co-  
fres da Prefeitura, devendo ter gasto seguramente mais  
de Cr \$40.000,00".

Se as autoridades municipais fossem isentas, êste ser-  
viço poderia ser-lhe atribuído, mas seria favorecer o ali-  
stamento dos partidários do prefeito e dificultar o dos ad-  
versários.

O de Prata informa que a "oposição nada gastou com  
o alistamento, deixando à conta da situação, que, como  
partido oficial, avocou a si o cumprimento dêsse dever cí-  
vico". Como, porém, quer no interior quer na capital quem  
se alista por um partido se crê mais ou menos comprome-  
tido a votar nêle, o partido oficial levou vantagem desde  
o princípio, numa manobra aparentemente desinteres-  
sada.

#### EXAME DA 5ª PERGUNTA

O TRANSPORTE DOS ELEITORES CONSUMIU VERBA  
MUITO GRANDE? QUE PERCENTAGEM SÔBRE O  
TOTAL DAS DESPESAS DO PARTIDO?

O transporte do eleitorado constitui uma das despe-  
sas mais pesadas dos partidos, porque o eleitorado rural  
está habituado a ser transportado de graça para os pon-  
tos onde vai votar, alí sendo acolhido nos quartéis.

Recebe, assim, do partido, transporte e alimentação.

Em certos municípios, a verba ascendeu a proporções  
bastantes elevadas:

Lavras . . . . .	65 a 70%
Curvelo . . . . .	70%
Congonhas . . . . .	60%
Divino . . . . .	60%

Jacutinga .....	53%
Pomba .....	45%
Camanducaia .....	45%
Pium-i .....	40%
Prata .....	40%
Campestre .....	40%

A causa desta elevação pode ser atribuída aos seguintes fatos:

— Escassez de gasolina e transportes deficientes. O controle da gasolina por parte dos prefeitos também correu. Em alguns municípios (Pomba, Bicas) os partidos situacionistas fretaram com antecedência todos os automóveis e caminhões de aluguel.

— A oposição não gastou com alistamento como se esperava que tivesse gasto.

#### EXAME DA 6ª PERGUNTA

O TRABALHO DO ALISTAMENTO TEVE INFLUÊNCIA SOBRE O RESULTADO DO PLEITO?

O tom das respostas é de que influenciou.

1 — O alistamento é a base por onde se pode calcular o prestígio do partido no Município.

2 — Frequentemente, no interior, o eleitor alistado por intermédio de um partido considera-se obrigado a votar com êle. Em Martinho Campos, o cabo eleitoral da situação, ao alistar o futuro eleitor, exigia dêle o compromisso de lealdade para com o partido. Isto pode ter acontecido em muitos lugares.

3 — Em várias cidades, observa-se que a influência do alistamento sobre o resultado do pleito é relativa:

*Pomba* — O partido oficial alistou 2.084 a mais e a votação de seu candidato foi de 456 votos a mais somente.

*Lavras* — Os partidos da situação alistaram 70% do eleitorado da sede, que é de 5.300 eleitores. Votaram ali 4.400. A maioria obtida por aqueles partidos foi de 456 votos a mais somente.

*Jacutinga* — A oposição alistou cerca de 500 eleitores e obteve 732 votos.

*Campestre* — A situação alistou 1.080 eleitores; as oposições, 1.236; Ex-offício, 78. Votação: D., 779; B., 1.246.

*Pouso Alegre* — O partido da oposição alistou mais do que o partido situacionista. O partido X não alistou e obteve 248 votos; o partido Y não alistou e obteve 527 votos.

*Alfenas* — O partido oposicionista, no distrito da sede teve votação de 160 votos acima do alistamento.

<i>Capelinha</i> —	Alistamento	votação
Partido situacionista .....	1.433	889
Partidos oposicionistas .....	59	206
<i>Ex-officio</i> .....	72	Há uma urna anulada

#### EXAME DA 7ª PERGUNTA

A PROPAGANDA POR MEIO DE COMÍCIOS PRODUZIU ALGUM RESULTADO?

As respostas, consideradas isoladamente, parecem dar a impressão de que os comícios, onde se realizaram, produziram resultados satisfatórios.

Resultado bom .....	21
Pouco resultado .....	6
Nenhum resultado .....	4
Não houve comício em .....	5
Não responderam .....	3

Entretanto, é preciso levar em conta as declarações feitas nos outros itens, para chegar-se à conclusão de que o comício, conquanto de interesse nos grandes centros urbanos, para dar o tom nacional e despertar o entusiasmo popular, não produz grande efeito junto às populações rurais.

A visita de uma caravana ou delegação pode ser mais eficiente do que a presença dos oradores. Além disso, é indispensável considerar o preço em que fica cada comício no interior.

A concentração regional oferece melhores perspectivas do que as concentrações puramente municipais e devem ser feitas, mesmo por causa do efeito de propaganda.

Uma concentração regional, como a de Uberlândia, custou Cr\$ 148.000,00.

A proporção dos gastos foi a seguinte:

Propaganda: jornais, rádio, filmagem, boletins..	33%
Hotéis e hospedagens.....	19%
Altofalantes, irradiação e iluminação.....	14%
Fogos de artifício.....	12%
Automóveis e gasolina.....	6%
Cartazes, faixas e letreiros.....	5%
Montagem do palanque e ornamentação.....	5%
Bandas de música.....	4%

#### EXAME DA 8ª PERGUNTA

A PROPAGANDA POR MEIO DE JORNAIS FOI EFICIENTE?

As respostas consideram eficiente a propaganda por meio de jornais. Fazem, entretanto, as seguintes ressalvas:

1 — O número de assinantes dos jornais da Capital é restrito.

2 — O eleitorado rural, em regra, não lê jornais. Guia-se pela conversa e pelo boletim.

3 — Onde havia jornais, êstes prestaram bons serviços.

4 — Causou certa apreensão o fato de não haver jornal que só defendesse uma causa. Aliás, a comercialização da matéria política constituiu severo golpe na propaganda.

5 — Os jornais da Capital, influindo sobre os eleitores assinantes do interior, transformam-nos em guias dos demais companheiros. Ê, portanto, um orientador seguro da campanha, que não pode ser dispensado, quando se pensa no interior. Quanto às cidades maiores, é inegável a sua influência.

\* \* \*

A resposta de Contagem sugere que “para as próximas campanhas seria necessário fazer-se um contrato de publicidade exclusiva com um órgão de grande divulgação”.

#### EXAME DA 9ª PERGUNTA

HOUVE DISTRIBUIÇÃO DE CARTAZES? DE QUE PARTIDOS? ERAM DESTRUÍDOS PELOS ADVERSÁRIOS?

Houve distribuição de cartazes em todos os municípios e sempre por mais de um partido.

Freqüentemente aparece a declaração de que eram destruídos pelos adversários. O desrespeito pelos cartazes de propaganda política ou comercial é hábito generalizado e a destruição é feita, sem segunda intenção, até por crianças. Ê certo, entretanto, que os adversários tentam impedir a divulgação, colando os seus por cima dos contrários, etc..

A luta através de escritos pelas paredes é ainda das formas mais vivas de polêmica partidista, uns procurando inutilizar o trabalho dos outros. Neste sentido, Belo Horizonte é bom centro de observação.

O exemplo mais louvável de tolerância nos é dado por Pouso Alegre, onde encontramos no Fôro um cartaz grande do partido oposicionista ao lado de outro, também grande, do partido situacionista.

Mas é coisa rara. O comum é a destruição sistemática. Em Pomba, proibiu-se que a oposição colocasse cartazes nos jornais e edifícios públicos, enquanto se exibiam os cartazes oficiais até dentro do Fôro. Em Dom Joaquim, houve mesmo tentativa de arrombamento de residências para retirar cartazes. Ali, só ficaram intatos os cartazes colocados na séde da oposição.

Em Pomba, um dístico da oposição pintado pelos muros foi sistematicamente borrado. Os oposicionistas mandaram, então, pintá-lo nas fachadas das próprias residências. Aí foram respeitados.

★

Seria interessante, como sugestão para moralizar nossos costumes, lembrar o dispositivo da antiga lei eleitoral francesa, que determinava o lugar onde e o número de cartazes que cada partido poderia afixar em cada localidade. Assim, nas comunas de 5.000 eleitores eram 5 os lugares definidos pela autoridade municipal, 10 nas maiores, seguindo-se, depois, uma proporção de um lugar para cada 3.000 eleitores excedentes. Assim, como diz Barthelemy, se pôs um limite ao privilégio dos candidatos mais ricos, e, poderíamos acrescentar, aos partidos mais bem aquinhoados ou que estejam vivendo, como no Brasil o partido oficial, dos favores dos cofres públicos.

## EXAME DA 10ª PERGUNTA

### HOUVE DISTRIBUIÇÃO DE BOLETINS?

Houve farta distribuição, de quase todos os partidos.

O boletim é o meio normal de fazer comunicações rápidas ao eleitorado. A possibilidade de espalhá-los praticamente por todos os recantos do município dá-lhe grande valor, nas horas decisivas de manobras eleitorais.

Se é tido geralmente como eficiente, há uma objeção interessante, feita pelo chefe de Pouso Alegre. Um boletim pode ser prontamente respondido, sendo, portanto, de uso perigoso. Mas, tudo depende da hora em que se lança um boletim. O chefe de Pequi conta o caso do boletim, contendo o artigo do jornal do Bispado de Aterrado que recomendava a candidatura D., o qual foi espalhado em Pequi depois de ter partido o último transporte para Belo Horizonte, antes do dia 2 de dezembro. Esse boletim, que causou grandes preocupações, não pôde ser respondido.

As coleções de boletins do interior que foram consultadas contêm boletins de todos os tamanhos, cores e formatos de letras. Os boletins com "clichés" de cor-reigionários mortos ou feridos em atividades políticas parece terem impressionado.

Quanto ao tamanho e modo de impressão, há conselhos, no sentido de fazê-los curtos, incisivos, de letras grandes. Mas, o boletim depende de quem o lança. O do bispo de Aterrado é grande; o do P.S.D., contendo o "cliché" de D. Cabral, Dutra e Benedito juntos, também era grande e ambos fizeram o efeito desejado pelos seus autores.

Há outros que nos parecem grandes demais: o do chefe oposicionista de Brasília, por exemplo. Mas, nesses lugares, o boletim substitui o jornal e os autores sentem-se inspirados a dizerem muitas coisas de uma só vez.

De qualquer maneira, porém, o boletim representou um papel importante na campanha de redemocratização no interior e poderá prestar ainda muitos bons serviços.

EXAME DA 11ª PERGUNTA  
A PROPAGANDA POR MEIO DE RÁDIO É NESSE MUNICÍPIO MAIS EFICIENTE DO QUE A PROPAGANDA POR OUTROS MEIOS?

O número diminuto de aparelhos receptores existentes nos municípios do interior leva muitos a responder que "é propaganda para poucos".

Entretanto, nos Municípios onde já se começa a difundir a eletricidade pela sede, pelos distritos e fazendas, a influência do rádio é muito grande.

Os cafés e casas de negócio no interior representam papel importante na difusão das notícias.

Havendo ainda em Minas numerosos municípios de população pobre e sem conforto material, não é de estranhar que as respostas pareçam ser desfavoráveis ao rádio, na maioria dos questionários.

É questão de atentar para a zona em que o Município se localiza e para o seu índice de riqueza econômica. Em Pouso Alegre, por exemplo, onde a única emissora local era do partido oposicionista e onde não havia imprensa partidária, o seu papel foi da maior importância para o desenvolvimento da campanha.

A medida que encaramos o problema da difusão radiofônica em cidades de melhor índice cultural, as opiniões favoráveis ao rádio aumentam consideravelmente.

Alguns de nossos chefes deram mesmo entrevistas considerando a função do rádio no interior como revolucionária e alcançando uma influência que está longe de ser confirmada pelo presente questionário. Entretanto, poder aceitar-se que, nas cidades mais desenvolvidas, a difusão radiofônica exerce influência que merece toda atenção.

Quanto à difusão da notícia sensacional, é incontestável a sua força. Um só indivíduo que a ouça, logo a espalhará por toda a cidade. É neste sentido que o rádio deve ser encarado, não somente por si, mas contando com a cooperação prearranjada de correligionários que sejam instruídos sobre o modo de usar as notícias que lhes sejam enviadas por este processo.

EXAME DA 12ª PERGUNTA  
QUAL O TIPO DA PROPAGANDA QUE FOI CONTRA-PRODUCENTE?

Esta pergunta não foi compreendida por alguns dos interpelados, que consideraram contraproducente a propaganda do adversário.

Em Dôres de Campos, os ataques a Getúlio Vargas prejudicaram o partido da oposição. A linguagem ferina de oradores em comícios impressionou desfavoravelmente em Sabará.

Em Dom Joaquim, o partido oficial explorou habilmente junto a operários de uma estrada rodoviária em construção no município, a denominação de "malta de desocupados" dada pelo candidato B. ao adversários. Em Alvinópolis há referências ao mesmo tópico.

O questionário de Pouso Alegre considera contraproducente a propaganda por boletins, porque provoca a contra-propaganda imediatamente.

## EXAME DA 13ª PERGUNTA

A DISTRIBUIÇÃO DAS CÉDULAS FOI FEITA REGULARMENTE? QUAL O MELHOR PROCESSO PARA DISTRIBUI-LAS?

A distribuição das cédulas constitui um problema bastante complicado em tôdas as fases. Não havendo número suficiente de tipografias no interior, a impressão é, em regra, centralizada nas Capitais, de onde são remetidas para os Municípios pelos meios mais à mão. A entrega pelo correio só tem eficiência quando é feita com grande antecedência, dadas as deficiências naturais de transporte. De Belo Horizonte para o Norte de Minas, por exemplo, as comunicações ainda são precárias e lentas.

A distribuição por portador é muito cara, embora ainda seja a mais segura. Fórmula que deu bons resultados foi a de dividir o Estado em zonas, escolhendo para centro de cada zona as cidades de onde se possa redistribuir o material com mais facilidade. Neste caso, o emprêgo de aviões é útil e extremamente adequado. O avião levava grande quantidade de cédulas a êstes centros, que as redistribuíam.

A segunda fase da distribuição, da sede do movimento ao eleitor, exige novas atitudes.

O chefe local não pode entregar as cédulas das várias categorias de candidatos separadamente aos eleitores. A maioria dos nossos cidadãos não estão suficientemente treinados para votar sem auxílio. Devem receber as várias cédulas já colecionadas e prontas para serem colocadas na sobrecarta oficial. Daí o penoso e estafante trabalho de *dobrar cédulas*, isto é, de cole-

cionar as várias cédulas em blocos separados, que são dobrados ao meio. Estas coleções é que são entregues aos eleitores.

Quanto à melhor época da distribuição, variam as respostas. Uns acham que se deve distribuir as coleções de cédulas com alguma antecedência entre os vários chefes locais, que as espalharão entre os eleitores um dia antes da eleição. Outros acham que as cédulas só devem ser entregues no dia do pleito. De modo geral, a tendência é para aceitar o costume de distribuir as coleções de cédulas na véspera do pleito, dando a cada eleitor duas coleções, uma para guardar e votar, outra para mostrar e ser trocada pelos cabos adversários.

A entrega deve ser feita individualmente e, tanto quanto possível, pessoalmente, "posto que o eleitor toma isso como atenção especial". Bom sistema é o de entregar pessoalmente, explicando a cada eleitor o modo de votar, para evitar acúmulo de serviço no dia do pleito.

Em Prata (Triângulo), a oposição entregou as cédulas dentro de uma sobrecarta, instruído o eleitorado para rasgar o envelope, na hora de votar na cabine, retirar as cédulas e colocá-las na sobrecarta oficial. Dentre cerca de 300 que assim votaram, somente 3 meteram cédulas e sobrecartas que as continham na sobrecarta oficial, anulando seus votos. Êste sistema permitiu aos chefes de Prata calcular o número aproximado de votos dados, pela contagem dos envelopes rasgados encontrados nas salas das mesas receptoras, após o pleito. Não é aconselhável o método em muitos municípios onde a massa dos eleitores vem da roça.

Em São Francisco, houve uma espécie de classificação do eleitorado em eleitores de confiança e eleitores flutuantes. Aos primeiros, os chefes distribuíram cé-

dulas na véspera da eleição; aos segundos deixaram para entregar as cédulas no dia da eleição, no momento da votação, fazendo-os ainda, acompanhar de um interessado do partido, a fim de evitar qualquer surpresa.

A resposta de Januária trai, num lapso, a essência do problema: "Para o eleitor consciente, a distribuição deve ser por meio de carta, pelo correio, e, para o eleitor inconsciente, digo, da roça, as chapas deverão ser distribuídas pessoalmente e poucas horas antes do pleito".

Em Pouso Alegre, várias comissões percorreram as casas da cidade, entregando as cédulas de domicílio em domicílio. As de eleitores da roça foram deixadas em casa de correligionários de confiança onde êles desembarcavam dos transportes ou apeavam dos cavalos. Em alguns casos, foram postados cabos eleitorais nas entradas das cidades para entregar cédulas colecionadas.

#### EXAME DA 14ª PERGUNTA

HOUVE TROCA DE CÉDULAS? QUAIS OS PROCESSOS USADOS PELOS PARTIDOS?

A troca de cédulas eleitorais constitui uma das mais importantes manobras, nos dias de eleição, e decorre do processo de votação exigido por lei.

A massa do eleitorado mineiro é constituída por homens e mulheres de instrução elementar, em regra moradora das roças e dos povoados, cujo traquejo social é relativamente restrito e cujo conhecimento das leis eleitorais é menor ainda. A esta gente impõe o legislador a obrigação de colocar nos envelopes, na hora de votar, uma porção de cédulas diferentes, para vários cargos e funções. É a primeira dificuldade legal para a massa do eleitorado, uma vez que a maioria não tem elementos para agir com desembaraço, se não fôr ajudada pelos chefes e cabos eleitorais.

O resultado é que os eleitores passam a receber dos cabos eleitorais as cédulas já ajuntadas e dobradas, um pouco antes da eleição.

Em alguns casos, a organização é tão precisa que entrega ao cabôclo as cédulas arrumadas dentro de um envelope, com a instrução de o abrirem quando estiverem na cabine, atirarem-no fora e colocarem as cédulas no envelope oficial. Assim procedeu a oposição de um Município do Triângulo, com esta consequência pitoresca: passada a eleição, os membros do diretório do referido partido percorreram as cabines das secções e contaram o número de envelopes inutilizados; o qual correspondeu aproximadamente ao número de votos dados ao partido.

Mas, distribuídas as cédulas ao eleitorado, resta ainda vigiar os eleitores para evitar que os cabos eleitorais adversários os abordem e procurem trocar-lhes as cédulas. Decorre desta necessidade o costume de isolar os eleitores das roças e povoados, até a hora da votação. Facilita o processo a existência dos "quartéis", já descritos anteriormente.

Mas, acontece que muitos eleitores não conseguem chegar aos quartéis, sendo interpelados pelas estradas por elementos adversários, como fez o partido situacionista de Monte Sião (Sul de Minas), que não permitia a entrada de oposicionistas nos veículos coletivos da Prefeitura, sem que antes exibissem e entregassem as cédulas que possuísem; ou, então, como se deu em Campestre (Sul de Minas), onde os situacionistas mandaram postar indivíduos mal encarados à entrada da cidade, dizendo aos cabôclos que chegavam das roças, com suas famílias, que "G. estava a caminho de Campestre com um exército de soldados estrangeiros, para meter a borracha nos eleitores de B."

A contra-arma usada freqüentemente é a de instruir o cabôclo, dando-lhe duas coleções de cédulas, uma para guardar bem escondida e outra para ser mostrada e trocada pelas cabos eleitorais. É uma técnica que dá seus resultados, pois em São Sebastião do Paraíso (Sul), saíram moças, muito pintadas, a pedir aos cabôclos cédulas para beijar, com o fim de inutilizá-las, e, no entanto, não foi encontrada cédula alguma manchada de "bâton" posteriormente, na apuração.

A vigilância do eleitorado assume aspectos muito parecidos com os costumes políticos da Grã-Bretanha, no século XVIII, conforme o relato dos historiadores e constitucionalistas. Há, na obra de Goldschmidt, por exemplo, deliciosa descrição de eleições no interior do país, onde se vê farta distribuição de comidas e bebidas, matança de porcos e reuniões de camponeses para festas eleitorais. Em todo caso, devemos consignar que o eleitorado mineiro ainda não chegou ao ponto de anunciar a venda de votos pelos jornais, como faziam, nos séculos XVIII e XIX, os patrões dos "burgos pobres".

Em certos Municípios, a falta de organização da vigilância permitiu que os eleitores rurais ficassem pelas ruas, sujeitos à influência dos cabos eleitorais e às manobras que lhes ocorresse realizar. Em Prata (Triângulo), por exemplo, a oposição não soube fiscalizar suficientemente o seu pessoal e os membros do diretório do partido oficial local, aproveitando-se da circunstância, ao amanhecer do dia 2 de dezembro, deram busca policial em todos os eleitores que encontraram pelas ruas, revistando-lhes os bolsos e trocando as cédulas adversárias. A manobra foi tão bem realizada que os

cabos da oposição nada perceberam e a coisa só se espalhou porque os próprios autores, satisfeitos com os resultados obtidos, bateram com a língua nos dentes.

O antídoto para a medida nos é dado pela coligação situacionista de Bicas (Centro). Ali, a política situacionista está nas mãos da oligarquia, que possui um armazém de café perto do centro urbano. Os eleitores vinham das fazendas em caminhões, eram despejados no armazém e dali seguiam para as seções eleitorais em pequenos grupos, escoltados por pessoas de confiança, quando não pelo próprio delegado de polícia.

Todos êstes costumes dependem, como se vê, da determinação legal sobre o modo de votar e se, nos lugares menos adiantados, os eleitores são tratados como gado humano, nos lugares mais progressistas, apesar do desenvolvimento e da instrução dos moradores, é ainda a troca de cédulas a principal causa de desassossêgo e de preocupação nos dias de eleição.

O engenho dos cabos eleitorais é infinito na criação de meios para induzir o eleitor a mostrar a cédula com que vai votar e trocá-la, consciente ou inconscientemente. Aqui, cabe ao legislador descobrir o processo capaz de evitar êste tipo de fraude. Minha função é tão somente a de expôr a experiência mineira, sem azedume e sem alegria, com o mesmo critério científico com que se pode tratar de qualquer problema político brasileiro.

É necessário resguardar o eleitorado ingênuo, cuja educação não foi suficiente para compreender o sistema legal e isto não se obterá somente com o famoso apêlo à educação, como vaga bandeira de reforma mental. Há certos vícios que podem ser evitados.

Há 20 anos atrás, a eleição a bico de pena era a principal artimanha eleitoral do Brasil e a legislação

acabou com ela. Hoje, cabe êsse lugar à troca de cédulas e compete aos congressistas descobrir um meio de eliminá-la. É manobra que afeta até a economia dos partidos, porque exige que se distribuam cédulas como confete. Um deputado mineiro, segundo testemunho de um de seus cabos imprimiu 930.000 cédulas para obter 17.000 votos, ou seja 53 cédulas inutilizadas para cada voto apurado.

O que as respostas demonstram ser imperioso é proteger o eleitor de boa fé, mas pouco instruído, permitindo que a sua vontade prevaleça no ato de votar e a proteção deve atingir cidades e campos, a Capital e o interior. Mesmo em Belo Horizonte houve numerosos casos de troca de cédulas, no centro da cidade. A minha cozinheira, que votou no centro, foi abordada por uma dama bem vestida que, alegando ser fiscal do govêrno, pediu-lhe as cédulas para ver e, dizendo-lhe que estava com cédulas de homem, tomou-lhe a coleção que levava e deu-lhe a que dizia serem cédulas de mulher.

No interior, os cabos eleitorais usaram todos os artifícios imagináveis, abusando da boa fé e da ingenuidade desprotegida dos cabôclos. Em Pouso Alegre (Sul de Minas), houve grande número de trocas de cédulas efetuadas notadamente pelos cabos eleitorais situacionistas e até por alguns maiores. O processo mais usado foi o de pedi-las para ver se estavam certas e trocá-las sob qualquer pretexto. Cuido que muito contribuiu para facilitar a troca de cédulas a morosidade com que se processou a eleição, havendo tempo de sobra para a ação dos cabos eleitorais mais afeitos a êsse tipo de manobra. Eleitores exaustos eram convidados para tomar uma cervejinha ou um café nos quartéis e aí lhe eram trocadas as cédulas. Pelo número das senhas, podia-se calcular perfeitamente o tempo que decorreria

até a chamada do eleitor visado e êste se afastava constantemente das secções eleitorais, facilitando o "serviço". Houve até casos de eleitores que trocaram seus números ou senhas por números mais baixos, com a condição de votar com as cédulas do eleitor "obsequioso".

Em Curvelo, onde a oposição teve brilhante votação, houve muita troca de cédulas por diversos meios. Substituíram-se cédulas sem que disso se apercebessem os eleitores distraídos; outras vêzes, diziam os da situação que eram cédulas comunistas e mais ainda que, se o eleitor queria votar em B., que então ficasse com as cédulas que lhes estavam sendo entregues. Outro sistema usado era o de colocar cédulas nos bôlsos dos eleitores, sem que êstes o notassem, ou então sujar os dedos de tinta para manchar e inutilizar as cédulas que porventura lhes fôssem mostradas pelos cabôclos adversários, ou como tais considerados. Quando se tratava de cédula do candidato local, conhecido do eleitor de educação rudimentar, ao qual fôssem devidos favores e serviços e nos casos em que não havia lugar para intriga e difamação pessoal, o cabo eleitoral adversário procurava, com êxito, substituir a cédula dêste candidato por outra de candidato de seu interêsse, alegando que o voto dado ao candidato local equivaleria a estar contribuindo e colaborando para afastar da localidade a pessoa que lhe prestava favores; seria, neste caso, estar cooperando contra o seu próprio interêsse.

Outro processo usado foi o de um fiscal do partido situacionista, que se aboletou à mesa de sua secção eleitoral, em Curvelo ainda, depois de ter percebido a inexperiência e a boa fé do presidente da mesa e, fazendo-se como que membro da mesa, determinava ao

eleitor, que sabia ser adversário e pouco instruído, a substituição das cédulas que trazia no bôlso por cédulas que colheria no interior da cabine, onde prèviamente já havia destruído tôdas as cédulas dos partidos adversários.

È para êste eleitorado e para esta gente que a lei deve ser uma proteção eficaz contra a máquina dos partidos.

O povo trabalhador de Minas, com exceção de percentagem reduzida, à orla das cidades, está à mercê do engenho dos cabos eleitorais, acontecendo coisas como a que passo a relatar, em que o Almanaque da Saúde da Mulher ganhou as eleições para a situação de Frutal (Triângulo).

Poucos dias antes das eleições, no distrito de Itapagipe, circulou a notícia de que o candidato D. era comunista e, dado o grande número de adeptos do P.C.B. no Triângulo, a notícia causou inquietação nos arraiais situacionistas e os fazendeiros começaram a mandar jogar fora as cédulas dêsse candidato. Percebendo a situação, um dos membros do diretório correu tôdas as farmácias do Município, arrecadou os velhos Almanaques da Saúde da Mulher existentes em estóque, colocou sôbre a última página uma fôlha impressa, contendo os dizeres — “Lembrança do candidato D.” — juntamente com três cédulas e mandou um portador especial distribuí-los entre os hesitantes chefes rurais. Êstes, diante da atenção particular do General, que lhes mandava um emissário com tão útil presente, tranquilizaram-se e descarregaram em seu nome a votação dos homens de suas fazendas e meações, vencendo o pleito no distrito.

## EXAME DA 15ª PERGUNTA

AS MULHERES TOMARAM PARTE ATIVA NAS MANOBRAS E FRAUDES, USANDO ARTIFÍCIOS, COMO O DE SUJAR DE “BATON” OU DE “ROUGE” AS CÉDULAS ELEITORAIS?

A troca e inutilização de cédulas eleitorais foi a operação mais importante de que se ocuparam os cabos eleitorais, no dia da eleição. A troca e destroca de cédulas ou chapas se realizou através dos processos mais engenhosos e nesse esforço foi importante a colaboração feminina. De 39 respostas, 18 afirmam a participação das mulheres.

Os métodos usados com mais freqüência foram os de inutilizar as cédulas furando-as; sujando-as de tinta, ao pegá-las com dedos sujos; beijando-as com lábios fortemente pintados com “bâton”; marcando-as com lápis, com as unhas, com um rasgo, etc..

A contribuição das mulheres revestiu-se de características que provocaram a indignação dos adversários e revelaram a mentalidade dominante no respectivo meio social. A irritação do questionário de Eugenópolis é expressiva: “As mulheres dos chefes da situação aqui foram mais audaciosas que os próprios homens, havendo até casos de moças entrarem em lugares sòzinhas, conduzindo o gaiato para trocar-lhe a cédula”. Em Curvelo, moças tiravam as cédulas dos bolsos dos eleitores, colocando as suas. Em Bicas, as telefonistas saíram pela rua, beijando as cédulas dos adversários. Em Pium-i, moças prèviamente instruídas foram de notável eficiência, agindo com grande audácia. Em Camanducaia, mulheres casadas e solteiras abraçavam o “eleitor capiau”, já chapeado, metiam a mão em seus bolsos, arrancavam as cédulas encontradas e as substituíam pelas de seu partido.

Nos Municípios onde houve secções eleitorais exclusivamente femininas, com maior facilidade atuavam mulheres, abordando as roceiras nas filas ou salas de espera e entabulando com elas conversas especiais. Em Belo Horizonte, a conversa de fila foi de inesperada eficiência.

#### EXAME DA 16ª PERGUNTA

A PREFEITURA, OU OUTRAS REPARTIÇÕES PÚBLICAS, FEZ DESPESAS DE CARÁTER POLÍTICO QUE VIERAM A BENEFICIAR A UM SÓ PARTIDO? QUAIS AS DESPESAS E OS PARTIDOS BENEFICIADOS?

O estudo das respostas revela em plena atividade a prática política tradicional de dividir as facções locais em partido oficial, ou do govêrno, e oposição. O partido do govêrno tem possibilidade de lançar mão de todos os recursos da administração para captar o eleitorado, inclusive o uso da força para impedir as atividades ou manifestações do adversário.

Em 39 respostas, 32 afirmam que as Prefeituras auxiliaram o partido oficial, 3 negam a participação das Prefeituras respectivas e 4 hesitam na afirmativa, por falta de elementos.

A primeira manifestação do aparelho administrativo em favor do partido situacionista se fez com a nomeação das autoridades menores encarregadas do alistamento e da qualificação. A título de exercer atribuição normal, a Prefeitura expedia para os distritos, bairros, povoados e fazendas cabos eleitorais instruídos para promover o alistamento e, ao mesmo tempo, fazer propaganda política partidária, tudo pago pelas verbas especiais ou, quando difícil, pago sob falsos fundamentos, prática bastante freqüente na escrituração e na

contabilidade pública local. Para estimular esta prática concorreu de modo particular uma autorização do Secretário do Interior de Minas, dada em 1945, para que as Prefeituras fizessem despesas eleitorais a serem posteriormente reembolsadas pelo Ministério da Justiça. Tal autorização, que deveria servir apenas para o pagamento de papel, impressos e despesas de expediente, veio a acobertar despesas de vulto de caráter puramente partidário, no interêsse do partido oficial.

O partido oposicionista recebeu, além das respostas, algum material de boa procedência, que revela o processo ao vivo, permitindo supôr que uma pesquisa metódica nesse setor dará surpreendentes resultados a respeito da corrupção política dos partidos situacionistas, provávelmente seguindo tradições assentadas na jurisprudência administrativa do país.

Dêsse material, extraio os exemplos seguintes, eloqüentes por si mesmos.

1) Uma fatura apresentada à Prefeitura de Alto Rio Doce, pelo negociante X, em 16-5-1945, em que cobra a importância de Cr\$ 551,60, proveniente de várias aquisições, sobressaindo "2m.50 de brim ao eleitor..... — 16,00; 1 vestido para uma eleitora — 24,00; 1 par de botinas ao..... — 49,00; etc."

2) Cópia da ordem de pagamento nº 506, de 31-8-1945, de Cr\$ 392,00, da Prefeitura de Parreiras, em favor de....., proveniente de "tijolos destinados à construção de alicerces de mataburros na estrada Ibitiura-Parreiras". Junto se encontrava a fatura nº 221, do Hotel Central, de propriedade do mesmo senhor, de 5-8-1945, de Cr\$ 392,00, visada pelo prefeito e referente a despesas da "Caravana para Comício....., 28 almoços, a Cr\$ 196,00 e 28 jantares, a Cr\$ 196,00".

3) Ordem de pagamento n° 450, de 19-9-1945, Cr\$ 960,00, Prefeitura de Muzambinho. Proveniente de fornecimentos de....., para o serviço de reforma de caixa-d'água, "conforme respectiva nota". A respectiva nota era uma fatura de entrega à Prefeitura de 2 quintos de vinho "Fôlha de Figo", que o fiscal da Prefeitura atestou ter distribuído ao povo do Município, no dia da passagem do governador pela cidade.

4) Ordem de pagamento n° 346, de Cr\$ 105,00, de 24-7-1945, da mesma Prefeitura, em favor de..... "A um mendigo. Seu fornecimento de tecidos para um pobre, conforme a nota inclusa". O fiscal da Prefeitura, ao pé da mesma, declarava: "Informo a V. Excia. que recebi os 21 metros de algodão constantes desta nota para confeccionamento de um letreiro para o escritório eleitoral".

A resposta de Morada (Oeste) oferece a medida do funcionamento dessa entrosagem típica da política no interior: "A Prefeitura fêz o alistamento do partido oficial, usando para isso não só dos próprios funcionários, mas ainda dos servidores do Estado. O presidente do partido oficial é o prefeito, e o secretário do mesmo diretório é o coletor estadual. Um e outro, chefes de repartições importantes, usaram e abusaram dos seus cargos em benefício do Partido, fazendo favores e compressões de tôda sorte. Quem não fôsse dêles, tinha dificuldades até em pagar os impostos. Os adversários não podiam reparar prédios que estivessem, por alguma forma, fora das posturas. Se não pudessem demolí-los e fazê-los de novo, tinham de vendê-los pelo preço de material velho. Os correligionários dêles, entretanto, podiam comprar êsses prédios, repará-los como lhes

aprouvesse e vendê-los por bom dinheiro. O sal, o açúcar, o querosene e a gasolina, artigos controlados pela Prefeitura, só eram distribuídos aos correligionários do prefeito e do coletor".

A participação dos funcionários das repartições estaduais e municipais na luta partidista teve amplas repercussões e, de certo modo, invalidou a medida tomada pelo interventor magistrado, que substituiu os prefeitos antigos de preferência pelos juizes de direito, por alguns dias, para os fins de promoção de pleito "livre e honesto".

A posse dêsses novos prefeitos se verificou muito próximo do dia da eleição e não obtiveram êles a neutralidade dos funcionários já demasiadamente comprometidos. Como a ordem de substituição era temporária, deveriam os juizes devolver o exercício do cargo aos antigos prefeitos, logo após a eleição. Êstes, em vários casos confirmados amplamente nas respostas, usaram a técnica de ameaçar represálias, quando retornassem à Prefeitura. O "slogan" de Mac Arthur — VOLTAREI — produziu efeito substancial em Bom Despacho, Alfenas, Arassuai, Jacutinga, Prata.

Muito expressivo do ambiente do interior foi o fato de que, dada a natural morosidade da ação das notícias nos meios rurais, em numerosos Municípios o eleitorado da roça não chegou a saber da mudança de prefeito, senão no dia ou após a eleição.

Outras publicações do Autor:

- ENSAIOS DE POLÍTICA ECONÔMICA. 1ª série. Os Amigos do Livro. Belo Horizonte, 1934.
- DUAS OFICINAS DE POLÍCIA TÉCNICA. — LYON e LAUSANNE. Idem, 1935.
- PROBLEMAS FUNDAMENTAIS DO MUNICÍPIO. Biblioteca Brasileira, Cia. Editora Nacional, Vol. 84.
- O RIO DA UNIDADE NACIONAL — O SÃO FRANCISCO. Idem, idem, vol. 91.
- O MUNICÍPIO MINEIRO EM FACE DAS CONSTITUIÇÕES. Tese. Os Amigos do Livro. Belo Horizonte, 1937.
- RESUMOS DE TEORIA GERAL DO ESTADO — I: *Introdução*. Civilização Brasileira S. A. São Paulo, 1941.
- RESUMOS DE TEORIA GERAL DO ESTADO — II: *Origens do Estado*. Livraria Acadêmica, São Paulo, 1942.
- O MECANISMO DO GOVERNO BRITÂNICO. Livraria Acadêmica, São Paulo, 1943.
- POLÍTICA DO MUNICÍPIO. Livraria Agir, Rio, 1946.
- URSS, UM ESTADO SOCIALISTA DE OPERÁRIOS E CAMPONESES. Livraria Agir, Coleção "Temas Atuais", nº 3, Rio, 1947.
- A CRISE DOS PARTIDOS NACIONAIS. Edições Kriterion, Belo Horizonte, 1950.
- CARACTERIZAÇÃO DA TEORIA GERAL DO ESTADO. Edições Kriterion, 1951.

★

*A presente edição foi patrocinada pela Reitoria da Universidade de Minas Gerais*

ESTUDOS SOCIAIS E POLÍTICOS

---

ORLANDO M. CARVALHO

PROFESSOR DA UNIVERSIDADE DE MINAS GERAIS

ENSAIOS DE  
SOCIOLOGIA ELEITORAL

UNIVERSIDADE DE MINAS GERAIS

REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS POLITICOS  
ANEXO  
SOCILOGIA POLITICA

1958

EDIÇÕES DA

REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS POLITICOS

DISTRIBUIDORA: LIVRARIA DA REVISTA FORENSE

AV. ERASMO BRAGA, 299 — RIO DE JANEIRO

—  
IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE MINAS GERAIS

## Índice

	PÁGINA
A crise dos partidos nacionais.....	11
Práticas eleitorais no interior de Minas.....	25
A força dos partidos e a estrutura ocupacional das chefias políticas de Minas.....	56
Os partidos políticos em Minas Gerais.....	81
Dez anos de partidos nacionais.....	102